

Serviço de Administração
-O DEBATE-
Rua dos Mercadores, 4-AVEIRO

O DEBATE

Agosto
14
Quinta-feira
1924

ÓRGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUES NO DISTRITO DE AVEIRO

Assinaturas	
Ano	10\$00
Semestre	5\$00
Colónias, ano	25\$00
Brasil e Estrangeiro, ano	32\$50

Anúncios, linha—\$50
Administrador—F. Nascimento Correia

DIRECTOR e EDITOR
José Casimiro da Silva
Propriedade das Comissões Políticas
do Partido Republicano Português de Aveiro

Redacção e Administração
Rua dos Mercadores n.º 4—AVEIRO
Anunciam-se as publicações de que nos seja enviado um exemplar
Composto e impresso na Tip. Progresso (a electricidade)—AVEIRO

UMA DATA

No dia 12, fez 35 anos que se inaugurou a estátua a José Estêvão, no Largo Municipal, hoje Praça da República.

Tempos houve em que esta data era recordada, sem ruído, mas com dedicação.

Depois caiu em desuso.

Dir-se-ia que o nome de José Estêvão, tantas vezes invocado, perante os aveirenses, como um repto lançado à monarquia, como se ele tivesse sido o mais ardente, o mais combativo dos republicanos, tinha perdido todo o prestígio, todo o poder sugestivo, depois de proclamada a República.

Concluir-se-ia, do esquecimento a que fôra votado, que era citado nos discursos acompanhado dos mais retumbantes adjectivos, como uma figura de retórica, das empregadas para emocionar as massas e não como o símbolo de um homem que tanto ilustrou a história local e a história pátria com nobres exemplos de civismo e de elevado culto pela Liberdade a que dedicou toda a sua vida política e que ele queria ampla sem sofismas.

Fazer a biografia do ilustre aveirense não cabe em as nossas forças nem na exiguidade deste semanário, e nem mesmo descrever alguns dos factos da sua vida agitada, tão numerosos eles são que difícil é a escolha.

Pela vida fora, até que a morte o colheu, tão prematuramente, aos 53 anos de idade, José Estêvão muitas vezes pegou em armas para defender a Liberdade oprimida e não poucas se exilou em terras estranhas para fugir à fúria dos seus inimigos.

Fazer a biografia do ilustre aveirense não cabe em as nossas forças nem na exiguidade deste semanário, e nem mesmo descrever alguns dos factos da sua vida agitada, tão numerosos eles são que difícil é a escolha.

Pela vida fora, até que a morte o colheu, tão prematuramente, aos 53 anos de idade, José Estêvão muitas vezes pegou em armas para defender a Liberdade oprimida e não poucas se exilou em terras estranhas para fugir à fúria dos seus inimigos.

Fazer a biografia do ilustre aveirense não cabe em as nossas forças nem na exiguidade deste semanário, e nem mesmo descrever alguns dos factos da sua vida agitada, tão numerosos eles são que difícil é a escolha.

José Estêvão não lutou simplesmente pela Liberdade política, mas também pela Liberdade do pensamento em todas as suas manifestações.

Foi um liberal. Arrastado no torbilhão da vida nacional, Aveiro perdeu as suas tradições liberais e, por comodismo de uns, cobardia moral de outros e por descabidos ressentimentos pessoais de muitos, deixa que a pátria de José Estêvão se transforme num foco de ultramontanismo, que lentamente vai irradiando e deformando as gerações que hão de ser os homens e mulheres do futuro.

Contra essas pretensões do ultramontanismo precisamos nós de nos unir e reagir, para honrar e glorificar a memória do homem que, não sendo irreligioso, combateu sempre os manejos clericais que pretendiam subordinar a Liberdade à tutela da igreja.

Honremos pois a memória de José Estêvão, não perseguindo mas, com tolerância, defendendo a herança que nos legou o grande liberal, arrancando as gerações das mãos de meia dúzia de fanáticos que aqui assentaram arraiais e que à sombra da religião vão fazendo a propaganda política contra a República.

Muito propositadamente foi escolhido o dia 12 de Agosto para a inauguração da estátua.

Em meados de 1840 conspirava-se contra o ministério Bomfim em que era ministro do reino Rodrigo da Fonseca Magalhães.

José Estêvão com Mendes Leite entrava na conspiração. A revolução que estava preparada para a noite de 11 para 12 de Agosto, chegou a iniciar-se, mas foi logo sufocada.

No dia 12 foi apresentado ao parlamento o projecto de lei suspendendo as garantias de que foi relator Almeida Garrett.

Foi então que José Estêvão pronunciou o seu mais brilhante discurso, o da suspensão das garantias que começa:

«Sr. Presidente, entrou o prestito fúnebre e traz debaixo das togas o decreto da morte; poucos momentos de vida restam à vítima e, em poucos momentos, sobre o cadáver de ela, levantará seu trono a tirania; mas a tirania que ha de ser funesta a quem a lembrou, funesta aos que tem de a exercitar!»

Assim continua com elevação de ideias o ataque ao acto governativo que, a-pesar-de tudo, foi aprovado.

Já que falamos de Mendes Leite que tão esquecido está dos aveirenses, devemos lembrar que foi companheiro de José

Musica do Troviscal

Vemos pelos jornais de Coimbra que esta filarmónica, excomungada pelo Bispo de Coimbra, tomou parte nas festas da Rainha Santa que ha dias se realisaram na velha cidade universitária.

E por sinal, segundo o que lêmos no unico jornal conimbricense que temos á mão, «O Despertar», esta filarmónica agradou imenso. São deste jornal as seguintes palavras a ela referentes:

«Nos corétoas armados em diferentes pontos da cidade fizeram-se ouvir as filarmónicas contratadas para as festas, tendo sido largamente applaudidas a do Barreiro e do Troviscal, ha pouco excomungada pelo bispo desta diocese, pela forma como executaram varios trechos musicais, alguns dos quais com impecavel correcção.

Um grupo de conimbricenses ofereceu a esta ultima filarmónica, para colocar na sua bandeira, uma fita e artistica fita de seda, cerimonia que decorreu entre o mais vivo e communicativo entusiasmo.

Por fim a filarmónica executou A Portuguesa que a assistência aclamou com freneticos aplausos.»

Isto é que se chama pregarla nas barbas, salvo seja, do sr. Bispo.

Telefones

Promovida pela Associação Commercial, houve na quinta-feira passada uma reunião de diversas intidades locais, para tratar do estabelecimento de uma rede telefónica em Aveiro, em ligação com a linha Lisboa-Porto

Como é um melhoramento com o que muito seríamos beneficiados, é provavel que algumas dificuldades se levantem á sua realização.

Já não é a primeira tentativa.

Estêvão e como ele um apóstolo da Liberdade. Não foi um orador como o seu amigo e conterrâneo, mas foi como ele um valente soldado liberal.

Recordá-lo, é mais uma figura brilhante que destacamos dessa geração que se extinguiu e que não deixou quem a substituisse.

Para terminar lembramos também os nomes dos homens que formaram a comissão que á custa de muito trabalho conseguiu levantar a estátua que ali se ergue na Praça Municipal.

E' justo que não esqueçamos os nomes dos homens que pagaram uma divida de gratidão ao defensor da Liberdade.

Foram os srs. João da Maia Romão, Pedro António Marques, Domingos José dos Santos Leite, Manuel da Rocha, Manuel Homem de Carvalho Cristo, José Joaquim Gonçalves da Caetana, António de Sousa, Anselmo Ferreira, Francisco Rodrigues da Graça e José Maria de Carvalho Branco.

Destes apenas são vivos os srs. Manuel Homem de Carvalho Cristo e Anselmo Ferreira.

A IMPRENSA E O SELO

A vida das imprensas jornalísticas já penosamente afetada por constantes aumentos de papel e franquia, foi ainda agora mais uma vez agravada com o decreto de 21 de Julho, que determina que, da importancia dos anuncios publicados nos jornaes se paguem 3 por cento ao Estado.

Isto para os jornaes de provincia é quasi um golpe de morte, contra o que indignadamente protestamos.

Fazendo côro com tal agravamento, ha os que, ainda por cima, se aproveitam do nosso labor, roubando-nos o que nos deviam pelas suas assinaturas.

A quem competir

A falta de policia ou de guarda republicana na estação do caminho de ferro dá origem a brincadeiras e licenciocidades de toda a casta por parte de cocheiros e carreções, pondo em risco o fisico e a castidade dos que vão ali para embarcar ou por necessidade.

Era de toda a conveniencia que a autoridade competente mandasse policia aquelle lugar, expulsando dali os que nada ali tem que fazer, dignificando assim a cidade que precisa de mostrar-se moralizada aos olhos dos que nos visitam.

OPÃO

Nota-se grande falta de pão na cidade. Na padaria dos nossos amigos srs. Macedo & Filho, para se obter pão, tem-se já formado bicha. A Companhia Nacional de Alimentação, nesta cidade, está vendendo o seu pão a 2\$40 o quilo, tendo muita procura nos seus depositos da rua do Gravito e Largo da Estação.

"O DEBATE."

Por motivos justificados e superiores á nossa vontade, este jornal suspende a sua publicação até meados de Setembro.

Desta irregularidade, pedimos desculpa aos nossos assinantes.

A RESISTÊNCIA Á GANANCIA

Do jornal O Mundo transcrevemos o seguinte eco:

Adeus, praias e termas!

«O português, explorado por todos os modos e feitiços, esboça o movimento de resistência á ganância. Este ano, o numero dos cidadãos que foram para as praias e termas é reduzidissimo. Foi o protesto contra o desvergonhamento nos preços das casas, dos hotéis, dos géneros, de tudo. O Palace-Hotel de Vidago que há pouco tinha dize hóspedes apenas, viu-se obrigado a fechar, porque estava às moscas. Outros hotéis, para se aguentar, têm reduzido o preço das diárias e ainda assim não conseguem ver-se com hóspedes. As casas de veraneio estão quasi todas com escritos. Ante-ontem, num casino das proximidades de Lisboa, às 23 horas e meia, a bolinha da roleta girava maluca, mas para... um único ponto. Pois é assim mesmo ser portuguêsinho! Deixe de ser burro de carga, não consinta mais em explorações. As águas fazem-lhe falta ás miudezas, mas conforme-se. Antes disso que comerem-lhe o dinheiro e ainda por cima fazerem-lhe pied de nez nas costas...»

Cá pelas vizinhanças, observa-se o mesmo fenómeno.

Basta verificar se os factos provam que a resistência dos explorados atinge as mesmas proporções que a ganância dos exploradores.

Mas o português tem uma tão falsa noção da economia, está tão habituado a gastar á larga, tem tão pouca constância e tenacidade nas suas resoluções, que difficilmente perseverará na resistência á exploração como único meio de defesa de que dispõe.

A REVOLUÇÃO

Esteve para rebentar mais uma para juntar ás muitas que nos têm agitado a vida.

A quem cabe a responsabilidade?

Aos nossos pais da patria que não discutem os assuntos que mais importantes são para a vida nacional.

Que Deus lhes perdôe o mal que têm feito a esta Patria tão digna de melhor sorte.

O Hospital da Misericórdia de Aveiro Toadas

no passado e no presente

(Continuação)

Para atenuar a deficiência de espaço para o alojamento dos doentes, pensou a Mesa da Santa Casa, por mais de uma vez, em ampliar o mísero edificio onde se internavam.

A primeira tentativa data de 1743. Sugeriu-a o donativo então oferecido pelo Duque de Aveiro, D. Raimundo de Lencastre, quando pediu que o dispensassem de continuar a servir de provedor.

Em reunião da irmandade (30 de Junho) assentou-se em construir um novo hospital, a que seria aplicado este donativo, a importância das dívidas que havia a cobrar e que ao tempo existissem, os saldos que houvesse nos anos futuros, bem como a importância dos sermões da quaresma e semana santa, que ficariam suprimidos, enquanto durasse a obra, que seria fiscalizada por dois irmãos nobres, para esse efeito eleitos pela irmandade. A receita e despesa seriam escrituradas em livro especial.

No ano seguinte houve um saldo de 64\$940 reis, facto que só tarde se repetiu, pois raro era o ano em que não houvesse *deficifit*.

A despesa com o curativo dos soldados, cujo pagamento era sempre feito com grande atraso era a sua causa principal.

Em 1750, as dívidas activas da Santa Casa montavam a três mil e quinhentos cruzados, o que lhe levantava enormes dificuldades, tão escassas eram as suas receitas.

Inácio da Silva Medela, falecido no Rio de Janeiro, mas filho de Aveiro, entre outros legados, deixou cento e cinquenta mil reis anuais para a obra do Hospital que se iniciou em 1743.

Num quintal que ficava na Rua da Corredoura, do lado do nascente do primitivo edificio, se deu principio à obra, fazendo-se os alicerces e construindo-se as paredes, que, tendo alguns palmos acima do solo, por aí ficaram no ano seguinte e assim estiveram por muitos anos além.

Contudo a ideia de ampliar o edificio do Hospital, pois outra coisa não era a obra iniciada, ressurgiu mais tarde.

Em 1814, a Mesa resolveu fazer novas enfermarias, «pois não podiam ver-se, sem perigo de indecência, doentes de ambos os sexos em uma só enfermaria, de que tem resultado algum escândalo, quando aliás a obra é necessária para a melhor comodidade dos doentes e também para satisfazer de modo possível o legado do bem feitor, Inácio da Silva Medela,» diz a acta da sessão de 1 de Maio daquele ano.

Do plano e execução da obra encarregou-se o irmão nobre, capitão José Antonio de Rezende, que na mesma sessão apresentou um projecto, que tinha mandado fazer e que era quasi o mesmo que o elaborado em 1743 e não se executara por falta absoluta de meios, com o acrescimo de se construírem três moradas de casas, do lado da Rua Direita, para alugar, cujo rendimento seria aplicado às despesas a fazer com os doentes.

Para se poderem levar a efeito tais obras, resolveu a Mesa, em sessão de 10 de Agosto, representar ao príncipe regente (depois D. João VI), pedindo a faculdade de fazer uma loteria de 24.000\$000 reis, em tudo conforme à que havia sido concedida à Misericórdia do Porto por Aviso régio de 1798.

Os lucros que de ela resultassem seriam applicados à obra do novo Hospital.

O pedido da Mesa foi defe-

rido por despacho de 5 de Outubro de 1815 e de 21 de Maio de 1816, dando-se principio aos trabalhos da loteria propriamente dita, em 1 de Outubro de este ano, sob a presidência do provedor da comarca, dr. António José Cabral de Melo e Brito.

Para tesoureiro foi escolhido o irmão da Santa Casa, Jerónimo Fernandes da Silva, negociante e proprietário, a quem, nesse mesmo dia, foram entregues os respectivos bilhetes, em número de quatro mil e oito centos, sendo o custo de cada um 6\$000 reis em papel moeda.

Foi muito morosa a colocação, a-pesar-dos esforços e boa vontade de alguns negociantes de Lisboa, Pôrto e Coimbra, que generosamente se prestaram a vendê-los nos seus estabelecimentos.

No começo de 1817, estavam apenas vendidos dois mil quinhentos e quarenta e quatro bilhetes. Por isto, pediu a Mesa autorização para realizar a loteria com metade dos numeros emitidos, o que lhe foi concedido por Aviso régio de 7 de Março de 1817 sendo este o plano:

O capital era representado por 2594 bilhetes ao custo de 5\$000 reis cada um, o que produziu 12.970\$000 reis; deduzindo-se 12 % ou sejam 1.556\$400 a favor da Santa Casa, ficou líquida a quantia de 11.413\$600, que se distribuiu nestes prémios:

1 de	2.400\$000
1 »	500\$000
1 »	400\$000
2 »	200\$000 reis.
5 »	100\$000 reis.
5 »	50\$000 reis.
10 »	30\$000 reis.
10 »	20\$000 reis.
50 »	10\$000 reis.
777 »	7\$400 reis.
1 (primeiro branco).	106\$600
1 (último branco)...	107\$000

864 prémios; Reis... 11.413\$600

Em 2594 bilhetes havia 864 premiados e 1730 branco.

Este plano foi aprovado por Aviso régio, de 2 de Julho de 1817, e, a 22 do mesmo mês, fez-se a extração da loteria. Deu ela um lucro razoável que não foi applicado na obra do Hospital propriamente dita, mas sim na conclusão das três casas, a que me referi e que mais tarde, em 1855, foram adaptadas ao Hospital que ali permaneceu até à construção do actual, como direi.

(Continua)

Marques Gomes.

"Escola Nova,"

Com este titulo começou a publicação em Coimbra duma revista que é o órgão da Associação dos Professores de Portugal.

Revista de ideias, servindo de porta-voz a um grupo de educadores que todo aquêle que se dedica ao nosso movimento pedagógico conhece pela sua acção em prol do ensino, absolutamente desnecessario é dizer que se lê com proveito.

Os principios politicos e sociais que a "Escola Nova," defende são mais avançados do que aquêles que professamos, mas nem por isso deixamos de recomendar a sua leitura e de lhe desejarmos sinceramente longa vida e muitas prosperidades.

IV

Pobres animais!

Não venho armar á piedade indigena. Venho verberar o procedimento bruto dos conductores de carros e trens, e a acusar a indiferença das autoridades.

Há uma sociedade protectora dos animais, em Lisboa, havendo sócios dessa sociedade espalhados pelo país. Sócios estes que, a meu vêr, o são por snobismo, pois podem á vontade os conductores maltratar os animais perto de si, que olham aquêle acto selvagem com o maior indifferntismo. Ora além da Sociedade Protectora dos Animais ter o seu regulamento, policia privativa lá em Lisboa, e haver um decreto de protecção aos animais, e ainda haver posturas municipais que obrigam os conductores a guiar em seus lugares os animais sob a sua guarda, tudo isso é desrespeitado por eles e não vigiado convenientemente pelos que deviam fazê-lo.

E assim, os trens suportam por vezes uma lotação descomunal, fora do exigido por lei, obrigando-se os cavalos e muarees a um exaustivo esforço. Nos carros de bois, também por vezes as cargas são demasiadas e os conductores, na rectaguarda dos animais, espicaçam-nos ferozmente para os obrigarem a caminhar com a pressa que desejam para alcançarem chegar sempre em primeiro lugar. Outras vezes, quando com os carros vasilhos, transgredindo posturas, sentam-se nos leites e deixam então que o gado livremente, conduza o carro pelas valetas, onde o piso é mais macio, pon-do em risco crianças descuidadas e até adultos. E tudo isto sob a complacencia dos que tinham obrigação de os meter na ordem, autuando-os ou relegando-os ao poder judicial.

Tudo isto se podia fazer se não houvesse logo quem, amigo do seu amigo, se interpuzesse para que a autuação não seguisse seus tramites e a multa não fosse paga. De contrário tudo entraria na ordem e os animais não seriam feroz e cruelmente maltratados pelos seus conductores.

Nascimento

Festividades

No proximo dia 15, e com o brilho dos anos anteriores, deve realisar-se em Salreu a festa à Senhora do Monte, fartamente concorrida de gente de lugares circunvisinhos e de longes terras.

Na procissão daquelle dia sairá pela primeira vez uma nova imagem da Senhora do Monte.

A's festas assistem a banda de infantaria 24 e a União-Salreu-Estarrejense, havendo na vespera iluminações e fogo.

Casa

Vende-se um prédio de casas sito na rua das Carmelitas que pertenceu ao dr. José Pereira.

Recebe propostas por escrito, Anselmo Lopes, na mesma rua.

Block - Notes

Vimos em Aveiro o nosso amigo sr. J. de Sousa Barros.

— Com sua esposa e filhos está na Figueira da Foz, o nosso presado amigo, sr. dr. Adelino Simão.

— Segue hoje para Caldelas, com sua esposa, o sr. Octávio Duarte de Pinho.

— Em gozo de férias encontra-se em Aveiro, o nosso amigo sr. Lotário Casimiro da Silva.

— Aos nossos amigos e correligionários, ex.^{mos} srs. António Pereira da Cunha e Costa, major de cavalaria 8, e dr. José Maria Soares, major-médico do mesmo regimento, foi conferido o grau de Comendador da Ordem Militar de Cristo, sob proposta do ex.^{mo} sr. Ministro da Guerra, e aprovada pelo Conselho da mesma Ordem.

A merecida honraria conferida a estes nossos amigos é justo motivo de muito os felicitar-mos.

NECROLOGIA

Faleceu, em Estarreja, o sr. Manuel Maria Ferraz de Abreu, escrivão de direito daquela comarca e tio dos nossos estimados amigos e prestigiosos republicanos, srs. Antonio Pereira da Cunha e Costa, Zeferino Camossas Ferraz de Abreu e dr. Pedro Virgolino Chaves.

A estes nossos illustres amigos e ex.^{mas} famílias apresenta «O Debate» as suas condolências.

Touradas

Na Figueira da Foz

A primeira tourada da época realisa-se no dia 10, talvez por que a praia ainda não tenha a frequencia dos mais anos, não teve uma casa repleta.

Os bois corpulentos e fidalgos, por vezes se quedavam indolentes olhando os artistas. Os cavaleiros cumpriram, assim o tivessem feito os bichos. O joven Artur Costa, meteu um bom ferro á gaiola, e mostrou-se arrojado, sendo colhido pelo touro que derrubou cavalo e cavaleiro, felizmente sem consequencia de maior.

O setimo touro, que coube aos peões, foi enfeitado com os dois primeiros pares de ferros ornamentados com as côres azul e branco, como convem á fidalguia.

Não se pôde, pois, dizer mal da primeira corrida da época.

Para o proximo domingo está anunciada a segunda corrida, sendo cavaleiros o arrojado Antonio Luiz Lopes e o amador Salvador Falé Gonçalves.

Na Curia

No dia 24 realisa-se na Curia uma garraia em beneficio da Misericórdia de Anadia, para a qual se invadam já todos os esforços para que resulte brilhante.

A' corrida vai assistir a musica da Vista-Alegre.

A' noite, ns largo e belo parque das termas, realisa-se um festival, havendo fogo de Viana do Castelo já encomendado pela Comissão de Turismo da Curia. A's 11 horas da noite ha um comboio que sai de Mogofores para o norte, e onde podem regressar os que de Aveiro forem assistir áquella festa de beneficencia.

Anunciam-se todas as publicações de que se receba um exemplar.

Luís Antonio da Fonseca e Silva

Ainda ontem, sentados ali num banco da frondosa Praça Marquês de Pombal, lembramos passagens de vellos tempos...

Hoje, como o estampido de uma bomba, os meus timpanos recebem a dolorosa notícia da morte súbita de Luis António.

Luis António foi meu con-discipulo e meu amigo. E eu era seu amigo, não só por ambos termos vindo das aulas do padre Soares, no antigo colégio Aveirense, como porque, durante a minha ausencia de vinte e tres anos de Aveiro, era o unico dos rapazes do nosso tempo que, quando eu vinha á minha terra, me abraçava e todo o seu préstimo punha á minha disposição.

Era o unico dos que me abraçava e sempre me conheceu como amigo...

Por isso eu deponho sobre o seu atitude as minhas lagrimas, a minha funda saudade!

5-8-1924

F. Nascimento Correia

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

Editos

(2.^a publicação)

POR este Juizo de Direito, escrivão Marquês, correm editos de 30 dias a contar da 2.^a e ultima publicação deste anúncio, citando os interessados José Luis Ferreira, solteiro, maior, Jeremias Luis Ferreira, solteiro, menor pubere, João Ferreira Becheira, e Manuel Pedro Bento Simões, casado, todos ausentes em parte incerta, para os termos do inventário orfanológico a que se procede por óbito de sua mãe e sogra Rita de Jesus Luiza, moradora, que foi, na Gafanha da Encarnação, freguesia de Ilhavo.

Aveiro, 29 Julho de 1924.

Verifiquei :

O Juiz de Direito, Souza Pires

O escrivão,

Francisco Marques da Silva

Passa-se

Uma casa com taberna na Rua Tenente Rezende, própria para loja com 2 andares, que contem 2 salas, 10 quartos, 1 salão, 2 cosinhas e uma varanda.

Para tratar na mesma com Tobias da Costa Pereira & Filho.

Arrenda-se

a partir de 1 de Novembro próximo a quinta pertencente á Exm.^a Sr.^a Baroneza de Cadora.

Tem 27 1/2 alqueires de sementeira de terras altas e 10 1/4 de ribeiro.

Dirigir-se a Barão de Cadoro, Rua da Revolução, 63 —AVEIRO.